The book cover features a background of overlapping geometric shapes in shades of green and yellow, set against a light blue grid. A central white rectangular box with a dark border contains the title text.

Reino de Deus:  
Um Projeto em  
Construção

**FÁBIO FEITOSA DA SILVA**

Caro Leitor/Leitora

Pode ser que no decorrer dos capítulos, você, não concorde com algumas expressões ou reflexões, mas não pare de ler, pois temos algo em comum: a necessidade da construção desse Reino de Paz, Amor, Igualdade, Solidariedade... **Esse é o nosso foco!**

Porém, como o tema é por demais desafiador, indico uma sugestão de reflexão inicial, tendo como referência o livro “Desafio de aprender: ultrapassando horizontes”, de BUOGO & CHIAPINOTTO (BUOGO, 2011, p. 55).

## O QUE É LER?

**1)** Ler é decifrar códigos escritos. **2)** Ler é a possibilidade de ter acesso ao mundo das ideias e dos pensamentos. **3)** Ler é o exercício de intercâmbio entre as informações recebidas e o conhecimento prévio do (a) leitor (a). **4)** Ler é o exercício da capacidade de formar nossa própria visão e explicação sobre os problemas que enfrentamos. **5)** Ler é compreender o mundo e a realidade que nos cerca. **6)** Ler pode ser considerado um ato político e uma

prática social. 7) Ler é atribuir significação àquilo que  
**SUMÁRIO INTRODUÇÃO REINO DE DEUS: UM PROJETO  
EM CONSTRUÇÃO**  
é próprio do ser humano: sua capacidade de interagir

e manifestar-se pela linguagem. Boa Leitura e Boas

Descobertas!  
CAPÍTULO 1 POR QUE JESUS DE NAZARÉ E/OU  
JESUS CRISTO?

Fábio Feitosa da Silva

CAPÍTULO 2 EVANGELHOS: Humanidade de Jesus

Jesus de Nazaré: o Homem Entre os 12 e 30 anos, por  
onde estava Jesus? Nazaré a Cidade da Galileia Jesus  
de Nazaré: O Cristo / Ungido / Messias

CAPÍTULO 3 EVANGELHOS: METODOLOGIA DE  
TRABALHO

CAPÍTULO 4 POLÍTICAS PÚBLICAS E DIREITOS  
HUMANOS: EXERCÍCIOS DE CIDADANIA

CAPÍTULO 5 UM REINO A CONSTRUIR: Globalização  
da Solidariedade

CAPÍTULO 6 JESUS DE NAZARÉ NOS DIAS ATUAIS: O  
Reino a caminho...

# INTRODUÇÃO REINO DE DEUS: UM PROJETO EM CONSTRUÇÃO

O título pode nos soar estranho, mas calma, é apenas uma reflexão sobre o desafio que temos de construir esse Reino tão esperado há mais de dois mil anos.

Jesus, em vários momentos, falava do Reino, aliás não só falava, mas dava dicas a todo momento, como se quisesse criar metodologia para a construção do Reino. O site [abiblia.org](http://abiblia.org), em sua pesquisa, detectou duas formas diferentes ao referir-se da palavra Reino: Reino de Deus e Reino dos céus, totalizando 80 vezes seu aparecimento no Novo Testamento, sendo 31 vezes Reino de Deus e 49 vezes Reino dos Céus. Duas versões diferentes, porém com o mesmo significado: a busca por um novo mundo, sem opressões, sem injustiças, sem exclusão... enfim, um novo mundo, aqui na terra, de paz, amor, solidariedade e equidade e, para ficar mais claro, traduzimos essa última palavra “equidade”, como espírito de

alguém que crê no senso de justiça, imparcialidade, respeito à igualdade de direitos. Entre as pessoas que se identificam com o cristianismo, por todo mundo, mais de 2 bilhões, pouco se comenta ou se pensam no conceito de Reino de Deus. Fala-se muito de dogmas, normas e leis das igrejas, e pouco do Reino de Deus. Segundo Jesus de Nazaré, fazer acontecer o Reino deveria ser a prioridade de cada pessoa, principalmente dos cristãos. O Evangelho da comunidade de Mateus registra essa importância “Buscai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça” Mt 6:33. Jesus falava constantemente sobre o Reino ou “Boa Nova”, principalmente por meio das parábolas, reforçando sempre que nada tem mais valor e importância que o Reino. No Evangelho da Comunidade de Mateus 13:44-48, temos a comparação de exemplos da cultura da época em comparação com o Reino; em Marcos 1, 14-15, diz que o Reino está próximo; e em Lucas 10, 9 que a cada momento que alguém é curado o Reino Já está entre nós. A expressão Reino dos Céus, que

aparece no Evangelho de Mateus, tem esse diferencial devido ao fato de ser escrito para o público quase exclusivamente judeu, que não tinha o costume de utilizar o nome Deus, a não ser em ocasião de reverência. Então era preciso adequar a linguagem, mantendo o mesmo sentido. Em Mateus 3:2 é alertado que o Reino dos Céus está próximo, por isso é preciso que estejamos preparados, quando chegar o momento. Jesus de Nazaré buscava sempre utilizar a expressão Reino de Deus. Quando fez sua oração a Deus, pediu que “venha o teu Reino” (Mt 6, 10). O Reino é entendido, então, como processo, precisamos conhecer a história de Jesus de Nazaré e colocar-se a caminho, aqui e agora, tendo como exemplo suas ações e práticas.

Assim, fica a pergunta: COMO VOCE SE COLOCA NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DESSE REINO? JESUS DE NAZARÉ É UM MODELO PARA SUA CAMINHADA?

Figura 1: Mito da Caverna



Fonte: (todamatéria.com.br)

Acredito que a síntese do Mito da Caverna, da Professora de História Juliana Bezerra, é a que mais se aproxima sobre a intenção dessa reflexão: “Platão descreve que alguns homens, desde a infância, se encontram aprisionados em uma caverna. Nesse lugar, não conseguem se mover em virtude das correntes que os mantêm imobilizados. Virados de costas para a entrada da caverna, veem apenas o seu fundo. Atrás deles há uma parede pequena, onde uma fogueira permanece acesa. Por ali passam homens transportando coisas, mas como a parede oculta o corpo dos homens, apenas as coisas que transportam são projetadas em sombras e vistas pelos prisioneiros. Certo dia, um desses homens que estava acorrentado consegue escapar e é surpreendido com uma nova

realidade. No entanto, a luz da fogueira, bem como a do exterior Jesus de Nazaré conseguiu fazer a leitura da realidade da caverna, agride os seus olhos, já que ele nunca tinha visto a além "das paredes". O cuidado com o ser humano o luz. Esse homem tem a opção de voltar para a caverna e fez sentir a dor daqueles que sofriam e tentou manter-se como havia se acostumado ou, por outro lado, pode mostrar para os outros que o acompanhava (homens e se esforçar por se habituar a nova realidade. Se esse homem mulheres) que é possível viver uma outra realidade, quiser permanecer fora pode, ainda, voltar para libertar os onde as pessoas possam fazer a experiência da companheiros dizendo o que havia descoberto no exterior da partilha, da solidariedade, do amor ao próximo. O mito da Caverna nos desafia, a exemplo de Jesus de Nazaré testemunho, já que a verdade era o que conseguiam perceber da a sair da inércia, colocarmos a caminho e, contribuir sua vivência na caverna com a construção desse Reino, que liberta o ser humano do egoísmo e faz explodir o amor que tem dentro de nós numa grande rede de solidariedade.

(<https://www.todamateria.com.br/mito-da-caverna/>)

CAPÍTULO 1 POR QUE JESUS DE NAZARÉ E/OU JESUS CRISTO? Este primeiro capítulo acredito ser o mais desafiador de todos os outros, pois ele mexe com conceitos e reflexões, que no primeiro momento podem nos inquietar e fazer com que encerremos a leitura. Mas, peço que não se deixem cair nessa armadilha, pois o final, como já foi dito será a realidade de construção do Reino. Para isso, peço que se lembrem da leitura que você fez sobre o Mito da Caverna e dos 7 pontos sobre O que é Ler, que está na introdução. Quero reforçar, que o que está escrito não são verdades absolutas, apenas reflexões sobre “verdades”, que foram passadas para nós desde a nossa infância. Ao término do Capítulo, acredito que seu coração estará mais confortado e cheio de esperanças, nesse caminhar de construção do Reino de Deus.

Essas duas visões que traz o título Jesus de “Nazaré” e o “Cristo”, se entrelaçam, vivem juntos, se confrontam e nos apontam caminhos, que juntam realidade e fé, vivências e esperanças. Entendo que não são dois mais uma pessoa com as duas dimensões, humano e divino. Assim, precisamos refletir para construirmos nosso Projeto de Vida, olhando as experiências vividas por Jesus de Nazaré, confrontando-as com a nossa realidade e, assim, darmos continuidade ao projeto do Reino de Deus. Vamos então, conhecer melhor a realidade onde viveu Jesus de Nazaré e, como as pessoas viam sua vida e sua prática. Jesus de Nazaré: o Homem Histórico Os diversos estudos científicos, arqueológicos e históricos, comprovam que Jesus de Nazaré, existiu de fato. Era um judeu, viveu na Galiléia, foi batizado por João Batista, construiu seu próprio grupo de apóstolos, teve vários “títulos”: rabino, mestre, Emanuel. Era um homem de grande oratória e não deixou nenhum escrito. Os

estudos dizem que uma pessoa com esse nome “Jesus” foi julgado e “assassinado” pelas autoridades romanas. Jesus, significa em hebraico: ישוע / ישוע; transl.: Yeshua; em grego: Ἰησοῦς; transl.: Iesous; e do latim “Iesus”. Como não era costume em sua época ter sobrenome, pois normalmente utilizavam, como complemento, algo relativo à família, profissão ou local onde vivia, como por exemplo José de Arimateia (Jo 19, 38), pois sua cidade de origem é Arimateia. Temos, também, José, o Carpinteiro ou Pai de Jesus (Mt 13, 55). Assim, conforme os evangelhos, Jesus nasce em Belém da Judeia, mas viveu a maior parte da sua vida em Nazaré, na Galileia, por isso ser chamado, às vezes, de Jesus, Filho de José (Lc 4, 22), Jesus, filho do Carpinteiro (Mc 6, 1-6), Jesus de Nazareno (Mt 2, 23), Jesus filho de José de Nazaré” (João 1, 45) ou Jesus de Nazaré (Lc 18, 37).

## **Entre os 12 e 30 anos, por onde estava Jesus?**

Nesta reflexão René Kivitz irá nos ajudar na explicação sobre a palavra Talmidim, plural da palavra hebraica Talmid, que no novo Testamento traduz como discípulo. Entenderemos como se dava na época de Jesus a formação sobre as escrituras (Livro eletrônico ‘Talmidim: o passo a passo de Jesus’, 2012, p. 25-26). Segundo esse autor, os meninos em Israel, aos 6 anos de idade, começavam a estudar a Torá – Lei de Moisés - Pentateuco, composta pelos 5 primeiros livros da Bíblia: Gêneses, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. Aos 10 anos eles já tinham aprendido tudo sobre a Torá, sendo este o primeiro estágio (ciclo) de educação.

A partir desse processo alguns voltavam para a sua casa e aprendiam o ofício da família; aqueles que se destacavam passavam para o segundo ciclo, o aprofundamento da lei. Eram adotados pelos rabinos e continuavam a frequentar a sinagoga e a escola judaica. Esses meninos eram chamados de Talmidim, que em hebraico quer dizer discípulos. Os Talmidim eram formados pela elite intelectual de israel. Com 12 anos já haviam memorizado toda a escritura. Com 14 anos eles debatiam a tradição oral e a interpretação dos rabinos a respeito da lei. Aprendiam como colocar em prática a lei de Moisés. Além das escrituras, os rabinos explicavam as normas e exigências pesadas e absurdas para se cumprir a lei.

O que sabemos pelas Escrituras dessa época sobre Jesus de Nazaré é a passagem sobre sua conversa com os doutores no templo. (Lc 2, 39-52). Podemos entender que Jesus com um bom Judeu e, seguindo os exemplos de seus pais, fez os estudos das escrituras, conforme a tradição da época e, que conhecia muito bem as escrituras. Em um dos momentos de sua caminhada com seus Talmidim – discípulos ele diz "Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu darei descanso a vocês. Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim, pois sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para as suas almas. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve" (Mt 11, 28-30). Isso foi para mostrar aos seus discípulos que os Sacerdotes, usavam as Escrituras para colocar nos ombros das pessoas pesadas cargas de oferendas, que serviam apenas para sustenta-los e manter o templo. O Deus que eles ensinavam era um Deus que punia quem não obedecia as normas. Jesus traz um Deus próximo, carinhoso (Abba – Pai Marcos 14,36), que acolhe, conforta e dá esperança aos seus filhos.

## Nazaré a Cidade da Galileia

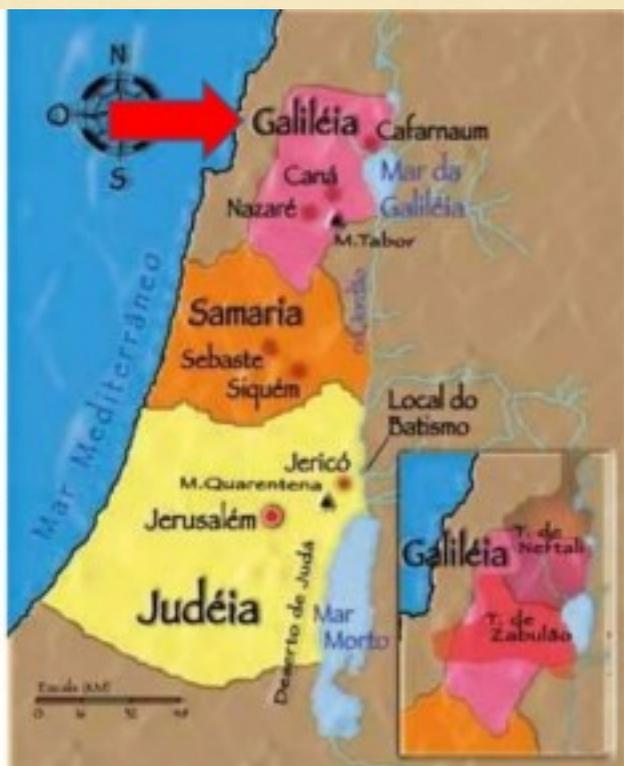
A Cidade de Nazaré era uma aldeia muito simples, sem importância na época de Jesus. Aparece no Novo Testamento por meio dos Evangelistas quando relatam onde residiam José e Maria (Mateus 2:19-23), e, onde Jesus passou sua infância. Lucas relata o fato do desaparecimento de Jesus, quando aos 12 anos seus pais o levaram, como de costume, para Jerusalém na festa da Páscoa (Lucas 2:39-52). Jesus aprendeu a profissão de carpinteiro com seu pai, José, e, provavelmente aprendeu as escrituras no seio familiar. Frequentava a sinagoga (Lc 4:16) e sentiu a rejeição em sua própria terra (Lc 4:24-30). Devido a essa história de experiências vividas, torna-se Jesus de Nazaré.

Figura 2: Judeia, Galileia e regiões próximas, no tempo de Jesus



## GALILÉIA

- ❑ Essa palavra vem do hebraico, *gall*, que significa "círculo", "anel", ou seja, um distrito ou região (Js 20:7; I Rs 9:11);
- ❑ Essa palavra designa uma das três principais divisões da Palestina, na época de Jesus; as outras eram Judéia e Samaria;
- ❑ Essa região ficava cercada de povos gentílicos e passou a contar com uma população mista e diversificada, o que era causa do desprezo dos judeus mais "puros" do sul da Palestina (Jo 7:52);
- ❑ Jesus foi criado em Nazaré e estabeleceu o seu quartel-general em Cafarnaum (Mt 4:13).



Vamos agora entender um pouco a realidade da Judeia, Galileia e regiões próximas, no tempo de Jesus de Nazaré, assim poderemos perceber de onde vem essa vontade de lutar por um mundo mais justo, solidário e equânime. As reflexões a seguir procuraram apresentar Jesus de Nazaré a partir da sua realidade vivida em relação à situação política, religiosa e ideológica. As informações estão embasadas em autores que aprofundaram seus estudos e no Novo Testamento e, já alerto que encontraremos diferenças

em textos, que contam a mesma história de forma diferente. Podemos citar algumas delas para a curiosidade do leitor:

Pai Nosso: (Mt 6, 9) ou (Lc 11, 2-4), Ceia (Mc 14, 22-25) ou (Lc 22, 19-20), Soldado na hora da morte de Jesus (Mc 15, 39) ou (Lc 23, 47) e Construção da casa (Mt 7, 24) ou (Lc 6, 48).

Mesters aponta três dimensões importantes para o entendimento das interpretações do contexto onde viveu Jesus de Nazaré (MESTERS, 2018, p. 10-11):

a) Familiaridade: experiências vividas e comentadas pela comunidade;

b) Liberdade: Os primeiros cristãos mudavam as palavras, conforme a experiência da comunidade;

c) Fidelidade: As pessoas falam a partir das experiências culturais.

Todos nascemos dentro de uma realidade cultural, religiosa, política e ideológica, nossa personalidade é construída a partir de família, amigos e a vida em comunidade, que podem ser positivas ou traumáticas. Fatos ocorreram em nossa época que viraram história, você já experimentou ir ao Google e a pesquisar o que aconteceu no ano que nasceu? Faça essa experiência, com certeza foi um ano de muitos acontecimentos, como agora estamos vivendo em 2020/21 a Pandemia COVID-19 e, daqui a alguns anos vai entrar para os livros de história, como um fato que morreram muitas pessoas e diversas mudanças ocorreram devido a essa doença. E, na época de Jesus de Nazaré não foi diferente, a grande doença que matava e excluía as pessoas da convivência social era a lepra (Mt 8, 1-4). Vamos então, a seguir, conhecer um pouco mais sobre o que acontecia naquela época, pode ser que algumas coisas ainda se assemelhem aos dias atuais.

Jesus de Nazaré nasce em Belém da Judeia, no Sul (Mt 2,1), foi criado na roça, interior, em Nazaré da Galileia, no Norte (Lc 4,16). Falava o aramaico com sotaque de Judeu da Galileia. Provavelmente a família de José era migrante vinda de Belém, da Judeia (Lc 2, 4) (MESTERS, 2018, p. 17).

## Político

A terra onde Jesus de Nazaré viveu, a Palestina, na época estava dividida em dois territórios (ACO 4, 1987, p. 38).

a) Judéia e a Samaria – por meio de procuração o Sinédrio (Governo Judeu) exercia o poder. Composto por 71 pessoas (p. 39) (grandes sacerdotes, anciãos, chefes de grandes famílias, de latifundiários ou de importantes comerciantes, Escribas \ intelectuais) membros da pequena burguesia ou classe média.

b) na Galileia. Tinha o rei Herodes

Apesar de o Procurador ter uma certa autonomia sobre a região em que comandava, tendo o poder de destituir ou eleger o Grande Sacerdote, todos viviam sob o comando de Júlio César – Imperador Romano, que foi substituído por Tibério César, tendo como procurador Pôncio Pilatos. O domínio Romano era muito rigoroso com o povo, cobrando altíssimos impostos.

Nas Aldeia os problemas eram resolvidos por um Conselho de Anciãos – Sinédrio (fazendeiros e comerciantes ricos, escriba e sacerdotes), que decidiam sobre as questões que diziam respeito à religião, à política e às questões criminais. Foram eles que decidiram sobre a condenação de Jesus de Nazaré (Mc 14:53-54; 15:1 e Lc 22:66).

Como nos dias de hoje, na época de Jesus existiam movimentos que misturavam religião e questões políticas partidárias, uns eram dominantes e outros dominados e, como sempre, ricos e pobres, respectivamente.

Os dominadores eram os Saduceus (Judeia) Mt 16:6), Mt 22:23 e os Herodianos (Galileia) Mt 22:16; Mc 3:6 e Mc 12:13. E os dominados: Fariseus, apesar de terem em seu meio pessoas recrutadas da classe trabalhadora, eles muitas vezes ficavam “em cima do muro”, conforme a sua política de conveniência Mt 23:23-28, Lc 18:9-14, Zelotes Mt 10:4; Mt 24 e Essênios (ACO 4, 1987, p. 42-47).

E o Evangelho segundo a Comunidade de Mateus 9, 36 relata que Jesus de Nazaré percebia que o povo estava desorganizado, sem interferência na política e, portanto, um povo “sem pastor”.

Do lado religioso, o poder estava nas mãos de três autoridades: Fariseus, Escribas e Sacerdotes. Todos eles se colocavam acima do povo. O objetivo deles era ensinar o povo a purificar-se pois a purificação era um meio de ganhar a salvação. Assim, além dos impostos, o povo era sobrecarregado com as ofertas destinadas ao templo.

Para entendermos um pouco mais aquela época, destaco algumas profissões então consideradas impuras: cobrador de impostos, prostitutas, pastor, feirante, vendedor ambulante, pescadores... e muitos desempregados. Vale lembrar que entre esses homens que Jesus de Nazaré chamou para caminhar com ele, todos eles eram da Galileia (Mc 14:70). Havia também muitos excluídos: mulheres, crianças, surdos, pagãos, escravos doentes desenganados (Lc 17:14), imigrantes Samaritanos (Jo 8:48). Jesus de Nazaré convivia com essas pessoas buscando confortá-las e incluí-las de novo na sociedade (Mt 9:36). Jesus valorizava a cultura do povo, seus costumes e tradições (Jo 2:1-2; 5:1).

Enfim, como percebemos, era uma época bastante agitada e com muita exclusão, enquanto uns viviam na mordomia e riqueza, outros viviam na completa miséria. Hoje nos referiríamos a pessoas em extrema pobreza ou em situação de vulnerabilidade social. E foi em meio a essa realidade, convivendo com esses conflitos que Jesus de Nazaré foi construindo sua consciência de cidadania, organizando o povo na perspectiva de construção do Reino de Deus. A sua profunda Humanidade, no cuidado com as pessoas, demonstrou sua Divindade. O Humano se fez Divino. O escritor e geógrafo Milton Santos tem uma frase que retrata bem essa realidade da época de Jesus e também a nossa: “Nós não atingimos, ainda, o patamar da humanidade, estamos no ensaio”. Assim foi a metodologia utilizada por Jesus de Nazaré, que tinha a sensibilidade de olhar, tocar e escutar. Ao aproximar-se das pessoas, transmitia carinho, segurança, confiança e paz. Mesmo na turbulência de uma grande multidão, Jesus vê e acolhe aquele homem – Zaqueu – “que está em cima de uma árvore” (Lc 19, 1-9). Escuta e acolhe aquela mulher – Samaritana – “que está sofrendo” (Jo 4, 1-29).

Ao tocar no leproso que pede a cura, Jesus de Nazaré diz a ele “Sim, quero, sê curado!” (Lc 5, 12-28), devolvendo-lhe a confiança e a esperança de voltar a viver na sociedade.

Jesus de Nazaré, em sua opção de vida de resgatar a cidadania e libertar da opressão os pobres, pelo que conhecemos, nunca vez “conchavos” com os poderosos; escutava e respondia às perguntas, utilizando Parábolas para explicar e mostrar de que lado ele estava. Sua opção pelos mais pobres foi sempre muito clara e objetiva, sua sabedoria e humildade são características inerentes a sua pessoa e a sua prática. Sabedoria sem humildade, não é sabedoria. Ele só podia fazer isso porque veio de uma realidade sofrida e conhecia na pele as dificuldades de seu Pai, José, e de sua mãe, Maria de Nazaré.

Sua metodologia de organização do povo foi estar perto, viver a realidade e provocar as pessoas, a abrirem os olhos e terem esperança. Mesmo quando fazia as “curas”, o objetivo era trazer as pessoas de volta à comunidade, à vida social (ACO 4, 1987, p. 36). Jesus não só curava, criava laços. Alguns depois de serem curados, recebia a graça e seguia Jesus, como o Cego de Jericó (Mc 10, 51-52), Maria Madalena que ficou conhecida como Apóstola de Jesus (Mc 16, 9). Lembro aqui a frase do Pequeno Príncipe “tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”, mas não no sentido de domínio, apego e peso de consciência, mas, sim como libertação e autonomia de sua vida. As pessoas seguiam Jesus de Nazaré com liberdade de um compromisso solidário. Essas pessoas repensaram a vida que estavam vivendo e, passavam a entender a importância de contribuir na construção de um mundo mais justo e solidário - o Reino de Deus.

## **Jesus de Nazaré: O Cristo / Ungido / Messias**

A terminologia Cristo que utilizamos em português explica a palavra grega Χριστός (Khristós) que significa "Ungido". Esse termo, por sua vez, é uma tradução do hebraico מָשִׁיחַ (Māšîaḥ), transliterado para o português como Messias. Nas diversas traduções encontramos essas três terminologias escritas de forma diferente, com o mesmo sentido. Por exemplo, o site Cristo (título) - Christ (title) – que wiki, cita em Mateus 16:16, a palavra Cristo e, a mesma passagem, na Bíblia de Jerusalém (1980, p. 1304), está descrito como Messias.

Portanto, acredito que o importante aqui não será a terminologia, ou como foi realizada a tradução da palavra, mas o uso que se faz desses títulos atribuídos a Jesus de Nazaré. O nome dado aos Seguidores de Jesus é Cristãos, mas poderia ter sido Messiânicos, Ungidos. Eu, particularmente, gostaria que fosse Nazarenos, aí teríamos que voltar sempre a Nazaré, história, terra, povo... não à cruz.

Entenderemos melhor o uso da terminologia “Cristo” se fizermos uma imersão nas Cartas de Paulo para saber o porquê da ênfase em “Jesus Divino”, em vez de “Jesus Humano”. De início, devemos dar um desconto para Paulo porque ele não caminhou com Jesus de Nazaré, sua experiência foi depois da morte dele, por meio de uma visão que ele teve, descrita em o “Jesus Ressuscitado” (At 9). O que nos parece em uma das passagens de Coríntios 5:15-18 é que neste momento separa-se Jesus Humano, de Jesus Ressuscitado. As expressões “as coisas velhas se passaram”, “se conhecemos Cristo segundo a carne, agora não o conhecemos assim”, “tudo isso vem de Deus que nos reconciliou consigo, por Cristo”, deixam isso muito forte. O que nos interessa, agora, para Paulo é o Jesus Ressuscitado.

Paulo, prega segundo a sua experiência com Jesus, que não foi o Nazareno e, sim com aquele que soube que foi morto na cruz e depois “ressuscitou”. Ele não podia falar das coisas que Jesus viveu, sonhou, partilhou com as pessoas, que encontrava pelo caminho, naquele momento precisava convencer as pessoas de que “aquela morte” aconteceu para a salvação de todos e libertar dos pecados.

Paulo não percebeu que a morte de Jesus envolveu interesses religiosos e políticos. Seu assassinato se deu por interesses dos poderosos que temiam perder suas riquezas e o controle sobre as coisas e pessoas. Ele toma a história pela metade e, com isso, desvirtua em alguns momentos a pessoa de Jesus de Nazaré. Coloca em Jesus a responsabilidade de tirar os pecados da humanidade, a salvação como arrependimento dos pecados, na espera por um mundo melhor, e não como processo de comprometimento na Construção do Reino de Deus. Essa é a grande diferença na forma de ver e lutar por

um mundo mais justo e solidário, no qual Jesus de Nazaré dizia Vai, a tua fé te salvou (Mc 10, 52), ajudando as pessoas a voltar a viver na comunidade de forma digna e comprometida com as mudanças. Ele não quer ser o centro. O centro são as pessoas, a comunidade. Em Paulo, o centro é Jesus e não mais as pessoas e a comunidade e, o compromisso de mudar a realidade injusta que as pessoas viviam. Jesus passa a ser o “fim” e não o “meio”, desvirtuando o processo pedagógico de construção do Reino de Deus, entendido e vivenciado por Jesus de Nazaré. Enquanto Jesus de Nazaré aproxima, acolhe e empodera as pessoas, como no episódio da mulher que ia ser apedrejada, conforme a lei dos antigos (Lv 20,10; Dt 22, 22-24). Ele entende a maldade dos fariseus e escribas e devolve a responsabilidade, tanto a eles como à mulher. (Jo 8,1-11). A

interpretação das “Cartas de Paulo”, respeitando o contexto histórico da época e a interpretação de extremistas, separa e coloca a mulher de novo no olhar das leis dos antigos, conforme encontramos na Primeira Epístola a Timóteo, em que veta às mulheres posições de liderança na comunidade. “A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição; pois não permite à mulher que ensine, nem que tenha domínio sobre o homem; mas que esteja em silêncio”. Pois Adão foi formado primeiro, depois Eva. Adão não foi seduzido, mas a mulher é que, deixando-se iludir, caiu na transgressão 1 Timóteo 2:11-14). A forma de Paulo abordar as questões é diferente de Jesus de Nazaré. Será que é só por causa da má interpretação das “Cartas de Paulo” que até hoje algumas Igrejas proíbem a ordenação de Mulheres? E, também, vivenciamos por causa do machismo, de antes e de agora, tantos casos de feminicídio? (Rodapé: Feminicídio é o homicídio cometido contra mulheres que é motivado por violência doméstica ou discriminação de gênero.

<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/feminicidio>

Outra questão é que Paulo resgata do Antigo Testamento a questão homoerótica. Em relação a esse fato, não percebermos, em nenhum momento dos Evangelhos, citação sobre este assunto. Vamos encontrar em Paulo no Livro de Levítico que relata esse assunto (Lev 18:22-25), como forma de contaminação e desagravo a Deus. Paulo, em alguns escritos (1Cor 6:9-11; 1Tim 1:8-11), liga o assunto à idolatria, pecado e atos contra a religião (Rm 1:18-32). Um momento, se Jesus, na visão de Paulo, veio para libertar as pessoas dos pecados e foi por isso que ele morreu, então Jesus é contrário a essa “abominação”? Os que transgrediam essas leis eram denunciados ao poder civil para serem julgados, até mesmo com a sentença de morte. Jesus não relatou nada sobre isso, o que Ele trouxe foi uma releitura das Escrituras humanizando as relações entre Deus as pessoas. Mais uma pergunta para refletirmos: Será que é por causa da má interpretação das cartas de Paulo, que hoje vimos casos horríveis e desumanos de homofobia?

Paulo, como vimos usa o termo "em Cristo" quando quer mencionar aqueles que seguem a Jesus (1 Cor 4,15 e Rm 12, 5). Talvez, por isso, começaram a chamar os seguidores de Jesus de Cristão? Isso é apenas uma suposição!

Continuando na reflexão sobre foco da terminologia Cristo, utilizada por Paulo, precisarei resgatar a metodologia que Jesus de Nazaré utilizava para a construção do Reino. Ele ajudava as pessoas a se organizarem e resolverem os problemas na comunidade. Jesus, saindo, viu uma grande multidão, e teve compaixão deles, porque eram como ovelhas que não têm pastor (Mc 6:34), conforme relata o Evangelho de Marcos (6:30-56). O fato relatado por Marcos da partilha mostra que Jesus de Nazaré percebe a situação, pede ajuda aos apóstolos e resolve o problema. É a ação humana que torna a situação divina.

Jesus de Nazaré traz para si a escritura bíblica do Profeta Isaías “Num dia de sábado, durante seu ministério terreno, Ele entrou na sinagoga, abriu o livro do profeta Isaías e leu: “O Espírito do Senhor é sobre mim; pois que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me a curar os quebrantados de coração; a pregar liberdade aos cativos, e restauração da vista aos cegos; a pôr em liberdade os oprimidos; a anunciar o ano aceitável do Senhor”. Mostrou que a leitura das escrituras é um compromisso permanente com os que mais precisam. Depois disso Ele fechou o livro e declarou: “Hoje se cumpriu esta Escritura em vossos ouvidos” (Lucas 4,18-21). Jesus de Nazaré mostra que precisamos HOJE, curar, libertar e restaurar a vida das pessoas. O Intuito dessa passagem bíblica, no meu ponto de vista é dizer que a cada dia cada pessoa precisa refletir sobre o seu compromisso com o Reino e, colocar-se a caminho, como fez Jesus de Nazaré.

Essa metodologia utilizada por Jesus de Nazaré de libertar as pessoas das prisões internas, no caso do cego de Jericó Mc 10:46-52, empoderar as pessoas no caso da mulher que iria ser apedrejada, devolvendo a ela a confiança e o compromisso “Vai, a tua fé te salvou” Mc 10:52 e, na cura de um leproso Lc 5:12-28, respeita o desejo da pessoa e pergunta: o que você quer? Responde o homem, ser curado. Jesus então diz “tua fé o curou”. Nessas passagens percebemos que Jesus de Nazaré não obriga as pessoas a segui-lo ou pede algo em troca, ou até mesmo se importa com a popularidade. O interesse maior é o empoderamento das pessoas, contribuir para que ela saia de uma situação de dominação para o encontro com a liberdade e cidadania.

Algumas interpretações da proposta de Paulo, pelo que parece, mostra que não é com a construção do Reino de Deus de forma compartilhada e de empoderamento das pessoas. O Reino, proposto

por Paulo (1Cor 15:50-52), vai surgir, por meio da intervenção divina, ou seja, quando as pessoas se arrependem de seus “pecados”. Essa forma de pensar está incutida na cultura cristã, pela maioria dos cristãos, como a espera da Segunda vinda de Cristo e que ele cumprirá o resto das profecias messiânicas.

Parece que temos duas propostas e duas metodologias de trabalho? Mas, não é. Elas se entrelaçam. As cartas de Paulo, nos faz repensar algumas propostas e nos fazer o convite de voltar às raízes – Nazaré. A decisão é de cada pessoa, nessa retomada, possa ver Jesus de Nazaré como meio e não fim.

Jesus humano e Jesus divino duas dimensões distintas? Não! São duas dimensões que se complementam. Podemos até dizer que quanto mais humano mais divino. Jesus viveu as duas dimensões mostrando a todos nós que é preciso olhar as pessoas com o olhar de perdão, assim

como gostaríamos que nos olhassem (Mt 6:9-13). O Reino é processo e torna-se inovador a cada avanço que temos na sociedade, vivemos um processo de construção de Cidadania Dinâmica, ou seja, a cada contexto sócio-cultural-histórico surgem novas formas de conquistas da cidadania.

Uma reflexão interessante sobre o humano e divino, estão nas palavras de Boff: Transparência é o termo que traduz a inter-reto-relação da imanência com a transcendência. A transparência é a transcendência dentro da imanência e imanência dentro da transcendência. A transparência faz com que a imanência – no caso a humanidade de Jesus se torne diáfana e translúcida, deixando de ser opaca e pesada. Faz também com que a transcendência – no caso a divindade de Jesus – se torne densa e concreta, deixando de ser etérea e abstrata. (Boff, pag. 172).



Voltamos então a aprofundar nossa reflexão sobre o Reino de Deus que é o nosso foco. Se quisermos, e creio ser o desejo das pessoas é ver esse Reino acontecer, precisaremos, então, que coloquemos nossas mãos, pés, mente e coração envolvidos e postos a caminho. Esse Reino que estamos falando foi proposto por Jesus de Nazaré. Ele apresentou sua metodologia de Projeto de Vida e disse a quem estava próximo: “Vem e Segue-me” (Mt 4:18; Mt 8:22). Isso não é milagre, é realidade misturada com terra, alegria, esperança, confiança (pare um pouco e ouça a Música de Leandro Borges “Vai dar certo”), organização, partilha e união. Esse Reino não se constrói sozinho, precisa de Solidariedade em Ação, processo de Cidadania Dinâmica onde cada pessoa coloca seus dons e habilidades a serviço da comunidade, a mão na massa e a fé em Deus.

Jesus de Nazaré, meio e não fim é o resgate das histórias de vida de tantas pessoas que deixaram sua marca, antes e depois de Jesus, na construção do Reino. Como é o caso de Moisés, que segundo as Escrituras (Êxodo) escolhido por Deus para libertar da escravidão do Egito, o povo de Israel. Segundo o texto Deus capacita Moisés, dando-lhes “poderes sobrenaturais” e revesti-lhe de autoridade para intermediar com Faraó a libertação do povo e, encontrar a terra prometida, Canaã. Se refletirmos, veremos que Moisés, confiou em Deus e usou de sua inteligência e conhecimento da realidade para poder ajudar o povo a sair da escravidão. Jesus de Nazaré, viveu em época, diferente de Moisés, com uma cultura e vida social específica. O Contexto sócio-cultural-histórico de Moises era diferente de Jesus de Nazaré, assim como é diferente nos dias atuais. Mesmo que façamos ligações do contexto de Jesus com o nosso é preciso tomar os devidos cuidados com o recorte sócio-cultural-histórico.

Acredito que você que está lendo este livro já tenha vivido momento de tanta alegria ao ver pessoas sendo “curadas” de seu egoísmo, raiva, descrença e, quando redescobriu seu potencial e confiança em si, pôs-se a caminho. Quando viveu a experiência de um projeto que deu certo e ajudou a sua comunidade, pensou: “É um pedacinho do Reino”.

Jesus de Nazaré conseguiu sistematizar aquilo que outros personagens da Bíblia vivenciaram dessa experiência de Reino e, nos deixou uma metodologia para darmos continuidade, utilizando os exemplos de sua própria vida. Por meio parábolas, foi capacitando as pessoas, veja alguns exemplos: Multiplicação dos pães (Mateus 14:13-21, Marcos 6:31-44, Lucas 9:10-17 e João 6:5-15), Oração do Pai Nosso (Mateus 6:9-13), o momento no Monte das Oliveiras (Lc 21:37-38), a leitura da carta de Isaías, “hoje se cumpriu essa escritura” (Lucas :18-21).

Refletimos nesse Capítulo sobre a história de vida de Jesus de Nazaré, o seu Projeto de Vida e como e fez a diferença na em sua comunidade. Convido a você, agora a colocar no papel as ações do seu Projeto de Vida, e como será a sua contribuição na construção do Reino de Deus. A sua colaboração é a certeza de que esse Reino é construído de forma democrática e compartilhada, como mostra o refrão da música Momento Novo: “Não é possível crer que tudo é fácil, há muita força que produz a morte, gerando dor, tristeza e desolação, é necessário unir o cordão. Por isso vem entra na roda com a gente também, você é muito importante vem.”

Apresento um modelo para a construção do Projeto de Vida, onde você poderá colocar as metas e atividades a serem realizadas sobre as questões profissionais, saúde, voluntariado, educação, lazer, esporte...

Quadro 1:

Modelo para construção do seu Projeto de Vida

Construindo e realizando o Projeto de Vida

Metas: Profissionais, Saúde, Voluntariado, Educação,  
Esporte, Lazer...

Atividades Escolha (Item e atividade)

O que preciso para realizar? Preparação

Prazo / Meta

Observações / Revendo o caminho

Que bom que você chegou até aqui. Obrigado e parabéns por se permitir fazer a experiência do Mito da Caverna – abrir novas janelas.

Continuando a caminhada, no próximo Capítulo, vamos procurar refletir sobre como podemos aprender com os Evangelhos uma metodologia, apresentada por Jesus de Nazaré para a construção do Reino de Deus.